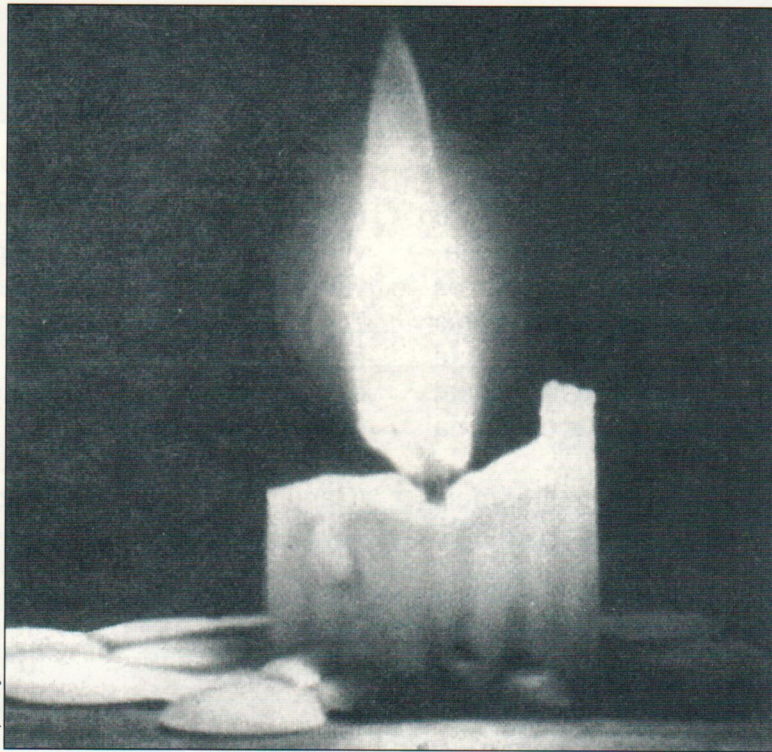


Evaristo Eduardo de Miranda

# Superstição e Batismo



Reprodução

Existem pais que acendem uma vela no quarto do recém nascido e só a apagam quando ele é batizado. Pedem pelo batismo, à Igreja, a iluminação interior de seus filhos para poderem apagar, simbólica e fisicamente, essa luz exterior. Outros pais desejam o batismo para que seus filhos não sofram nenhum quebranto, adoeçam ou fiquem sem vida, sem ânimo (*O Senhor está próximo dos corações quebrantados e salva os espíritos abatidos - Sl 34,19*). A palavra quebrantar vem do latim vulgar *crepantare* < *crepare* e significa fazer estrépito, estalar, rachar, quebrar. Os sentidos decorrentes do emprego desse verbo, dirigido a uma pessoa, são: abater, arrasar, machucar, macerar, ferir,

mortificar, tirar a energia. Ele também pode ser usado como debilitar, desanimar, frustrar, tornar fraco, perder coragem e energia. Como imaginar, fora da perspectiva de fé e espiritualidade, uma outra forma de enfrentar essas ameaças que pairam os pais e as crianças. De onde virá o auxílio? (*ver Salmos 63,7-9;118,6;146,5 e Hebreus 13,6*).

Não há dúvida: a Igreja Católica é o melhor lugar para buscar-se essa ajuda. As pessoas simples (*a palavra simples significa "sem prega", sem dobra. Alguém que não se retorna sobre si mesmo mas está plenamente aberto à graça de Deus. Os simples são bem-aventurados.*) acreditam no valor terapêutico do batismo e do ato de



batizar mas, às vezes, enfrentam incompreensão e hostilidade por parte dos ministros da Igreja, extremamente secularizados e racionalistas, que os acolhem como ignorantes em matéria de fé. Ao invés de serem pedagogicamente animados a crescer na fé e em suas intuições profundas, pais humildes acabam desestimulados pela falta de caridade e acolhida na Igreja.

Diante de um filho recém nascido, muitos pais sentem sua enorme responsabilidade e fragilidade, de forma inédita. Contemplam a criança e meditam interiormente: agora essa vida depende de mim, por anos dependerá de mim, são tantas ameaças, dificuldades e desafios em perspectiva e eu tão frágil e impotente... Quem não teme pelo futuro dos filhos? Quem não hesita diante de tantas ameaças e dificuldades? Somente os que, ilusoriamente, julgam-se onipotentes para enfrentar qualquer dificuldade e oniscientes para não ter qualquer espécie de surpresa com a vida. Não são pessoas, julgam-se deuses. Crêem que agir material e psicologicamente sobre o filho bastará. Aos filhos basta a família. Mas existem pais que - além de duvidarem de sua real capacidade de agir material e psicologicamente sobre os filhos - acreditam necessário agir simbólica e espiritualmente sobre a criança. Quem busca o batismo, em geral, está dentro dessa perspectiva, sacralizante e iniciática.

O pai ou a mãe ao temer o quebranto ou que a criança adoça, acometida pelos mais diversos males, no fundo está dizendo: eu não basto. Apesar de todos

meus recursos materiais e afetivos, de toda minha boa vontade, eu não basto. Eu preciso de Deus na minha vida e na vida dessa criança (*"Sólo Dios basta."* - Santa Teresa d'Ávila). Essa confissão inconsciente de fragilidade e de impotência, essa humildade desejava de ver os sinais de Deus em sua vida, são razões extremamente válidas, sob qualquer ponto de vista, para buscar e obter o batismo por parte da Igreja (Cânones 867 e 868). Talvez muito mais válidas do que as razões de certos pais cultivados, justificando o pedido de batismo, farisaicamente, com um elaborado discurso teológico sobre o participar do corpo de Cristo e da Igreja, mas que é pura racionalidade e exterioridade.

A Igreja católica é um território de acolhida e inclusão. O papel dos ministros da Igreja é o de terapeutas e o não o de excluir. Os enfermos, nós podemos curá-los! Essa é a crença e a prática da Igreja, desde os tempos de Jesus. A palavra grega *therapeuèn* tem um sentido mais amplo do que o simples curar. Os terapeutas, dos quais fala Filon de Alexandria (*Filon de Alexandria ou Filon o Judeu, filósofo grego de origem judia, viveu entre 20 aC e 45 dC, buscou conciliar doutrina bíblica e pensamento helenístico (platonismo e estoicismo). Influenciou os neoplatônicos.*), eram mais do que simples restabelecedores de saúde. Eles eram iniciadores. Assim, os ministros da Igreja, diante dos doentes ou dos que sofrem, podem não somente curá-los *mas também iniciá-los no sentido da vida e do sofrimento*. Até porque, em muitos casos, a doença é apenas o

sintoma de uma enfermidade muito mais essencial, de um esquecimento do Ser... O papel do terapeuta é o de permitir que a pessoa sofredora reencontre a saúde total, tanto física-psíquica como espiritual. O batismo é uma terapia, uma iniciação.

De uma forma mais profunda, a Igreja ensina e crê que todo homem possui em si mesmo o poder de curar. O terapeuta está no interior de cada um de nós. É o Vivente que deseja “que nós tenhamos vida e a vida em abundância” em todas as dimensões de nosso ser e de nossa família. Os ministros não devem destruir ou degolar (*o ladrão não vem senão para roubar, degolar, destruir; e eu, venho para que tenham vida, e a tenham em abundância. O Evangelho segundo João, 10,10. Tradução de André Chouraqui. Ed. Imago*). Basta ao catequista, ministro ou catecúmeno, uma atitude justa, a abertura espiritual e o acolhimento caridoso que permita a Jesus de agir em nós e através de nós. A presença do Espírito deve fazer-nos pessoas cada vez mais simples (etimologicamente sem dobras, nem pregas), mais espontâneas, como o perfume das flores e o vôo dos pássaros, distantes de práticas religiosas que nos tornam pessoas complicadas, culpabilizadas e culpabilizantes. Esse tipo de atitude só nos distancia das forças vivas do Vivente e de nossos irmãos (*L'Évangile de Thomas. Spiritualités vivantes. Ed. Albin Michel, Paris, 1986, 254p*).

Os ministros da Igreja são terapeutas que devem buscar a arqueologia das palavras e dos gestos de quem busca o batismo. O que está por baixo, enterrado ou subjacente numa atitude, expressão ou gesto? Que

memória antiga e primordial emerge no comportamento tradicional dos fiéis? Superstição, dizem alguns. Não se pode esquecer que a palavra superstição está repleta de razões e idéias batismais. Ela vem do latim *superstês*, *superstitio* e significa: *para sobreviver, conservar, fazer durar*. O termo *sto*, *steti*, *statum* evoca o estar de pé (*posição própria do humano. O lugar onde nos mantemos de pé, onde somos capazes de fazê-lo, sem estar submissos ou alienados é o nosso lugar, um lugar sagrado. Como nas palavras de Deus à Moisés: - Desata tuas sandálias pois o lugar onde você está (presente e íntegro, o teu lugar) é sagrado - Ex 3,5*), levantado, por cima, sobranceiro, o dominar e a estatura da pessoa, como no inglês *stand*. Têm raiz comum com o grego *staurós* (*Staurós: poste, pau cravado verticalmente no chão. Espécie de coluna à qual se prendiam os criminosos, expondo-os à ignomínia pública. No staurós era colocado o madeiro transversal dos supliciados (patibulum)*) - manter-se de pé, estabelecer-se, instaurar e principalmente cruz, no estrito termo em que a palavra é usada nos evangelhos. Se importa a arqueologia do texto, mais ainda, importa a do contexto e da palavra naqueles que batem à porta da Igreja pedindo o batismo de seus filhos por “superstição”.

---

**Evaristo Eduardo de Miranda é Doutor em ecologia, pesquisador da Embrapa, membro do Instituto Ciência e Fé ([mir@nma.embrapa.br](mailto:mir@nma.embrapa.br)) e autor do livro “Água, Sopro e Luz - Alquimia do Batismo” pelas Edições Loyola**



Pastoral dos Nômades - Revista SF - nº 255